

"Fazer força" para colaborar na tranqüilidade dos outros é hoje um imperativo a observar criteriosamente em favor de nós mesmos.

Em verdade, ocorrências infelizes surgem atualmente, por toda parte; no entanto, precisamos refletir até que ponto teremos cooperado no colapso da resistência de quantos resvalam em desequilíbrio.

Seja onde for e seja com quem estivermos, precisamos "fazer força" para que azedume e nervosismo, cólera e aspereza, não apareçam nos grupos de trabalho que, porventura, integremos, porque se nos propomos a viver no Mundo Melhor de Amanhã, é lógico nos disponhamos a "fazer força" para construí-lo.

EMMANUEL

História de Um Violino

Parei, fitando um acervo de sucata
Que iria arder em fogo bravo,
Por um fósforo leve,
Cuja chama pequena incendeia e
causasse,
Qualquer montão de peças estragadas,
Mesmo aquelas que trazem doces nomes
De pessoas amadas...

Dentre as centenas de objetos,
Vasos, portões e móveis incompletos,
Cuja destruição era o destino,
Encontrei um violino
Que mais me parecia
Uma reliquia em agonias
No resto de instrumentos que ele
fora...

De onde procederia

- Perguntei a mim mesma, altamente
intrigada -

Aquela peça despregada?
Sob que mão renovadora
Teria sido, num dia,
Perfeitamente manejada?

Era, aquele triste,
Em sede desconforto,
Falou-me ao coração:

- Não fastimes a sorte que me espera.
Quanto custas no mundo,
Desde o campo reboso ao deserto
infértil,
Tudo é renovado!...
Eu fui um tronco verde, o mais belo
de meu horto,
Que mais brilhava ao sol da
primavera.
Era visto, de longe, nos caminhos
Em que passasse alguém que
amasse
os pássaros e os miolos...
Minhas flores vermelhas

Eram a adoração dos enxames de
abelhas...

Orgulhava-me, sim, de ser forte e
robusto...

Viejo, num dia, porém,
Um homem frio e armado
De pessote e machado
E esfaçalou-me os pés, agindo a
custo...

Depois, tombei vencido sobre a Terra.

Fui, logo após, levado, serra em pena,
Em terrível viagem,
Lançado muito tempo ao deserto e à
seca...

Certa feita, num artesão
De fato delicado, estranho e fino,
Transformou-me em violino
E fui vendido a um moço artista,
Que me deu cordas, vida e corações...
A princípio, chorei com saudade do
chão

Em que subia os firmamento
Na vida emanadas de meu pró-
prio perfume,

Entre flores bailando, ante as flautas
do Vento;
Recordava, a chorar, a presença das
aves,
Que falavam comigo em cânticos suaves,
Agradecendo a Deus, cada manhã,
A beleza e a alegria da alvorada
Que mais nos parecia uma festa divu-
nada,
A luz do sol nascente...
Mas o artista abraçou-me docemente
E manejando as cordas que me dera,
Faz-me sentir, por fim, o instrumento
que eu era...

Muita gente me ouvia,
Embargada de pranto,
Sem que fizesse algo para tanto...
Mais que houvessem perdido algum
filhinho,
Ante o poder da morte,
Choravam com paixão e com
caimbo,
Pondo-se a lembrar

Os sonhos de ontem e as
canções de ninar...

Muito doente em vez
Pensava em Deus, onde eu me achava,
Sem que eu mesmo soubesse
Explicar a razão...

Notando que tornava as almas que
sofriam

Mais consoladas e felizes,
Não mais me lamentei de me haver
afastado

Do bosque bem amado
Em que deixara as últimas raízes...

Depois de muitos anos,
Vi muita desventura e muita dor
Transformando-se em prece e
senhão.

Vendo, em fin, que servia e conso-
lava,
O artista mais me quis, quanto
mais me tocava.

Ate' que, num dia,
 O moço enfermo, frívolo e algu brado
 Foi coberto num tunelo fechado...
 Entas algum me achou invisível para
 a vida
 E me guardou aqui numma cova
 escondida,
 A' espera da fogueira
 Eu que eu possa também
 Encontrar minha hora dera dera ...

Nesse justo momento,
 Algém ateou fogo ao monteiro
 opulento...
 E vi oceio algém descer das
 imensas alturas:
 Um moço belo e forte
 Que arrancou, de improviso,
 A forma do instrumento à

labareda e a morte...
 E os colocar no braço o violino
 refeito
 Em matéria de luz,
 Dele extraia sons... Era um
 himo perfeito
 Que o Lazia esquecer a cinza
 transitoria
 Na música de vida, esperança
 e vitória!...

Cestas, eu me lembrei de Vós,
 me dímos amigos!
 Entregai - Sos ás mãos dos Artistas
 do Bem,
 Que eles facam em Vós a
 música do Além.
 E, um dia,
 Quál se forneis despregados,

Por trastes relegados
Ao frio dos museus,
Bracos de amor virão
Para tracar contos o Novo Dia
Que trará para os homens
O Caminho de Luz da Perfeita
Alegria,
Entre a bênçā da Paz e a
proteção de Deus.

Maria Dolores

ITENS DO AUXÍLIO

Respeite os problemas alheios
sem interferir neles, a menos que
a sua cooperação seja solicitada.

Não pronuncie palavras que
ofendam e depreciam.
